

## ENSINO DE LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O QUE DIZEM OS PROFESSORES EM SERVIÇO?

Sílvio Nunes da Silva Junior (UFAL)

Eliane Bezerra da Silva (UNEAL)

**RESUMO:** Este estudo propõe discutir sobre o ensino de literatura de língua portuguesa na educação básica. No plano teórico, traz-se algumas considerações sobre como o ensino de literatura é tratado por estudos científicos e documentos oficiais que regem o ensino de língua portuguesa. Posteriormente, analisa-se duas narrativas autobiográficas produzidas por professores em serviço de escolas públicas, seguindo os pressupostos da pesquisa qualitativa e interpretativista. Em linhas gerais, constata-se que as concepções dos professores sobre o ensino de literatura estão intimamente voltadas a sua real finalidade, no entanto, carecem de um melhor amparo, tanto das maiores quanto das menores hierarquias educacionais para exercerem uma prática profissional mais significativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Finalidade. Prática Profissional.

**ABSTRACT:** This study proposes discussing the teaching of Portuguese language literature in basic education. At the theoretical level, some considerations are presented on how literature teaching is handled by scientific studies and official documents that govern Portuguese language teaching. Subsequently, two autobiographical narratives produced by teachers in public school service are analyzed, following the presuppositions of qualitative and interpretative research. In general terms, it can be seen that teachers' conceptions of literature teaching are closely related to their real purpose. However, they lack better support from both major and minor educational hierarchies in order to carry out a more meaningful professional practice.

**KEYWORDS:** Literature. Purpose. Professional Practice.

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla, em forma de monografia, apresentada ao colegiado do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), em 2016, intitulada: Narrativas autobiográficas: a tessitura das identidades de professores de língua materna – um olhar interpretativista. Objetiva-se, aqui, discutir sobre o ensino de literatura na educação básica a partir dos olhares de professores que atuam com a língua portuguesa em escolas de esfera pública de Alagoas.

A partir de experiências próprias do pesquisador, bem como observações realizadas no decorrer de pesquisas acadêmicas, foi surgida a inquietação de investigar os olhares de professores em serviço sobre o ensino da literatura de língua portuguesa. Nessa perspectiva, é

a partir de estudos nesse sentido que a fundamentação teórica do estudo está estruturada, assim como com as vozes de documentos oficiais que regem a educação escolar no Brasil.

No plano metodológico, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa, de base interpretativista, de forma em que foram analisadas narrativas autobiográficas produzidas por professores de língua portuguesa de escolas públicas nas quais o pesquisador teve contato naquele momento. A análise é norteada por diálogos constituídos pelas visões das professoras colaboradoras e de teorias que abordam o ensino de literatura, desde a sua constituição curricular e as contribuições para a formação humanística de alunos no processo de ensino-aprendizagem.

## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE LITERATURA

A literatura como toda e qualquer manifestação artística e cultural traz consigo diversas finalidades de extrema importância para o ensino de língua portuguesa enquanto língua materna. Entretanto, atualmente, vê-se uma realidade longe da que deveria existir. Em muitos casos, a literatura não vem sendo aplicada como se deve no ensino de língua materna e, com isso, um dos mais influentes aspectos culturais não vem se empregando efetivamente em sala de aula.

Sendo explícita essa realidade, Rouxel (2013) define as finalidades de se ensinar literatura na escola.

A primeira concerne às finalidades, às intenções e aos objetivos do ensino de literatura: ensinar literatura para quê? O *para quê* determina o *como*. Métodos e finalidades estão ligados. Trata-se de aumentar a cultura dos alunos? (qual a cultura?), de formar leitores? De contribuir para a construção de suas identidades singulares ou de propiciar, pelo compartilhamento dos valores, a elaboração de uma cultura comum, o sentimento de pertencimento a uma comunidade nacional? Esses elementos não se excluem e compõem o espectro das possibilidades entre as quais é lícito escolher ou não escolher (ROUXEL, 2013, p. 17).

O ensino de Literatura em Língua Portuguesa vem para contribuir, aprimorar e influenciar o ensino e a aprendizagem em língua materna a partir de uma perspectiva recepcional e constitutiva da identidade do sujeito aluno. Assim, o modo de como praticar o ensino de literatura na escola acaba partindo do princípio da sua verdadeira necessidade.

Para ensinar literatura, é preciso refletir sobre a teoria e a prática do ensino de literatura e suas diversas contribuições para a formação do aluno, desde a teoria até a prática docente. Tendo em vista a necessidade do homem de conhecer a literatura e outras artes, destaca-se, na teoria, a causa dessa necessidade, principalmente com quando se pensa que: o que foi criado pelo homem deve ter serventia para o homem.

A literatura, como qualquer outra arte, é uma criação humana, por isso sua definição constitui uma tarefa tão difícil. O homem, como ser histórico, tem anseios, necessidades e valores que se modificam constantemente. Suas criações – entre elas a literatura – refletem seu modo de ver a vida e de estar no mundo. Assim, ao longo da História, a literatura foi concebida de diferentes maneiras. Mesmo os limites entre o que é e o que não é literatura variaram com o tempo (AMARAL et. al., 2003, p. 15).

Como assinala Amaral, a literatura faz com que o sujeito leitor reflita acerca do mundo a sua volta e, através disso, observe com outros olhos a vida em seu sentido mais amplo, pois a literatura está em constante movimento, acompanhando cada avanço do tempo na sociedade. Na educação brasileira, pode-se afirmar que, na maioria dos casos, o primeiro contato do aluno com o ensino de literatura acontece no ensino médio, pois, anteriormente, o contato prende-se a um ponto de vista superficial, onde nem sempre a ela era empregada. No ensino médio, a presença da literatura no ensino de literatura em língua portuguesa se dá através de fragmentos e textos os quais levam ao estudo específico da vida dos autores, deixando, na quase sempre de lado, o estudo do texto literário em seu sentido *scrito*.

O estudo literário no ensino médio, pelo que estar-se observando, não ultrapassa os limites da sala de aula. Desse modo, acaba-se apresentando essa categoria de estudo da linguagem como não sendo importante quando comparada as outras obrigações contidas no currículo escolar. Nesse sentido, a partir dessas práticas, o professor de língua portuguesa vê-se na obrigação de apresentar a literatura, mesmo que superficialmente, para os alunos, visto que logo mais se tem a cobrança contida no ENEM e nos demais vestibulares, onde assim, o aluno que não estiver preparado, sentirá na pele as consequências após o término do percurso na educação básica por intermédio do ensino de língua materna.

Voltando os olhares a perspectiva didática de ensino, é interessante destacar que,

Ensinar literatura brasileira e literatura portuguesa, com base na descrição de seus estilos de época, de suas gerações, autores e obras mais importantes tornou-se um expediente tão comum nas escolas, que para muitos professores é praticamente impossível imaginar uma prática de ensino diferente dessa (CEREJA, 2005, p.89)

É possível observar que os professores situaram os métodos de ensino em uma só prática, isto é, vinculam-se a um ensino com base na descrição dos estilos em suas respectivas gerações transformou-se na única medida cabível para ensinar literatura na escola, concretizando numa periodização do ensino de literatura no ensino médio. Nesse contexto, cabe ressaltar que alguns professores têm em mente que o aluno, mesmo em pouco tempo, tem que aprender literatura:

A ideia de que um jovem quando sai do liceu tem “que” saber literatura é uma das mais absurdas que conheço; a literatura, para a maior parte das pessoas, não há de ser um objeto de conhecimento concreto, mas um instrumento de cultura e uma fonte de prazer. Há de servir ao aperfeiçoamento intelectual e há de produzir um prazer intelectual. Portanto não se trata de “saber”; trata-se de ler literatura e amá-la (LANSON *apud* COLOMER, 2007, p. 37).

Nessa perspectiva, percebe-se que a literatura, por muitos, é encarada como objeto concreto, o que não deveria acontecer, uma vez que se trata de uma manifestação artística e cultural, e como tal, contribui significativamente para a formação do aluno como cidadão, como também, para o conhecimento intelectual.

Um dos aspectos importantes dos saberes que atravessam a literatura é que esta estimula a curiosidade dos leitores, responde à necessidade que todos temos de imaginação, devaneio, sonho, de ouvir histórias, de compartilhar com os outros, enfim, um patrimônio cultural comum (FREIRE, 2010, p. 192).

Atrelando a concepção de Freire com a teoria do ensino de literatura, percebe-se que quando o professor ‘oferece’ literatura aos alunos, essa prática vai além de uma contribuição intelectual, pois possibilita a ele o conhecimento literário a partir dos textos literários as diversas facetas da vivência na humanidade.

Ao tratar da prática do ensino de literatura, à qual é oriunda da leitura de textos literários, cabe destacar alguns conceitos de leitura importantes. Silva (2006, p. 514-515), ao relacionar a teoria literária com a prática escolar, assinala que leitura, literatura e teoria literária devem caminhar juntas no ensino por três motivos importantes.

Leitura, literatura e teoria literária deveriam estar estreitamente relacionadas no meio escolar, devido a vários motivos, dentre os quais citamos:

- a própria natureza interdisciplinar do ato de ler que envolve contribuições de diversas áreas. No caso da leitura literária, o ato de ler é influenciado por estratégias cognitivas, linguísticas, metalinguísticas, conhecimento do polícódigo literário, noção de gênero literário, estilo de época no qual o texto está inserido, enfim, um conjunto de noções determinantes na interação do leitor com o texto;
- o fato de a significação do texto literário ser construída a partir da participação efetiva do receptor, o que torna evidente as relações dinâmicas entre a literatura e o leitor;
- a teoria literária só existe em função da leitura e da literatura: esse é outro aspecto a ser considerado quando se trabalha o texto literário em sala de aula. A teoria literária deve estar presente na escola, subsidiando a prática do professor, no sentido de ampliar concepções críticas sobre o fazer literário e a recriação do texto pelo leitor, o que só ocorre no ato da leitura.

A leitura como prática eficaz, eficiente e imprescindível a ser desenvolvida no âmbito escolar deve ser adotada pela escola mais efetivamente nas aulas de literatura. A realidade da educação brasileira no que apontam os índices de desenvolvimento educacional não se encontra numa situação satisfatória e um dos fatores responsáveis por esses índices coincide com a falta de leitura na escola<sup>1</sup>. Nesse sentido, os diversos tipos de conhecimento dos alunos estão prejudicados e tendem a estarem cada vez mais devido à ausência da prática de leitura na escola, uma vez que se não há leitura, nunca haverá literatura.

A prática do ensino de literatura, de certo modo, pode ter uma dimensão errada quando aplicada ao ensino. O texto literário deve surtir efeito com sua essência/natureza. Nesse contexto, o texto literário deve ser trabalhado em sala de aula de modo que desde a estrutura até a produção de sentidos sejam estudadas tanto pelo aluno, quanto pelo professor, pois esse é o intuito do poder humanístico da literatura em seu sentido macro. Assim, é de suma importância que se detenham atenções para a harmonização entre leitura, literatura e a teoria empregada a literatura.

Na verdade, a questão do literário e do não-literário passa também pela questão da ideologia e dos códigos que organizam os diversos saberes. Cada época estabelece o que é literário ou não. Cada nova escola ou manifestação redefine o estético e incorpora novas maneiras de ler o mundo. O que não era estético ontem pode ser

---

<sup>1</sup> Aqui pode-se expandir mais os contextos nos quais a leitura precisa ser estimulada, como em casa. Porém, como a discussão se envolve intimamente com a escola, optou-se por mencionar apenas ela no texto.

estético amanhã. Na medida em que a teoria e a prática da escrita evoluem, evolui também o conceito público do que seja literatura (SANT'ANNA, 2001, p. 65-66).

No que tange o livro didático de linguagens e códigos, observa-se que, primordialmente, eles abrangiam nos capítulos, trechos de obras literárias, poemas, poesias e dentre outros gêneros literários. O que se vê hoje em dia é a expansão da natureza didática em forma de análises gramaticais com o texto literário, dessa maneira, o texto perde sua finalidade e apoia-se num tripé como bem lembra Zilberman (1988).

A análise literária deve estar presente não só no ensino superior, uma vez que o curso de letras exige essa prática para a formação do professor de língua portuguesa e literatura, mas, também, na educação básica, o que servirá como conteúdo basilar para o estímulo da competência literária de futuros profissionais da educação. Assim, a partir da experiência efetiva do docente em formação durante a formação inicial, deve ocasionar numa expansão, mesmo que estreita, na sala de aula da educação básica.

Ao contatar com a literatura no ensino básico, o aluno como sujeito em formação constitui capacidades até então desconhecidas em seu trajeto escolar, a saber: o aprimoramento do senso crítico, a capacidade de interpretação e compreensão na escola e na sociedade e etc. Com isso, percebe-se que ao ensinar literatura, o professor possibilita ao aluno mais que uma aula presa às paredes da escola, proporciona experiências que irão contribuir em seu caráter humanístico e cultural, considerando que “a literatura é essencial para a vida. Pois os seres humanos além das necessidades básicas necessitam de cultura”. (SILVA, 2011, p. 20).

Se a literatura é arte em palavras, nem tudo que é escrito pode ser considerado literatura, como já dissemos. Essa questão, entretanto, não é tão simples assim, visto que a linha que divide os campos do literário e do não literário (sic) é bastante tênue, confundindo-se muitas vezes (BRASIL, 2006, p. 55).

Diante do que explicita as Orientações Curriculares Nacionais, pode-se destacar que a literatura abrange uma tênue e esta envolve a teoria e a prática desse ensino que deve estar cada vez mais presente no ensino de língua portuguesa, tendo em vista a verdadeira noção de texto literário e sua contribuição na formação do aluno e do professor. Contudo, vale refletir sobre o papel do profissional mais importante da sociedade atual, responsável por formar,

inicialmente, todos os profissionais existentes - o professor, o qual atua como sujeito transformador e mediador da construção de mentes críticas, humanas e capazes de conviver e contribuir significativamente na sociedade.

Tendo o aluno como agente em formação que frequenta a escola no intuito de construir os degraus da aprendizagem, estimando oportunidades futuras, destaca-se o profissional que serve como mediador de cada um desses degraus – o professor. A profissão de professor vai muito além de “escrever e explicar conteúdos em sala de aula”, o professor, por sua vez, tem função social, política e cultural. Dessa forma, as contribuições do professor para o aluno e a comunidade escolar são imensas, entretanto, necessitam de mais reconhecimento e valorização, tendo em vista que o trabalho docente é feito na escola, que é, como já foi exposto, um âmbito de formação social e intelectual dos indivíduos que ali estão para aprender e trocar experiências socioeducativas.

De acordo com os PCN's:

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem (BRASIL, 1998, p. 22),

Diante do que transmite a legislação, percebe-se que o aluno, em contexto de aprendizagem, necessita do professor para realizar todas as tarefas relacionadas ao ensino de literatura em língua materna. Ao contrário, seria impossível integralizar o processo de ensino-aprendizagem na escola. O planejamento tem seu papel fundamental por organizar o sistema educacional, uma vez que, ao planejar, o professor estará elaborando um roteiro que norteará a aula, possibilitando um equilíbrio no que tange os conteúdos a serem abordados em sala de aula, banindo a repetição durante esse período.

Para Luckesi (1994, p. 115),

O ato de planejar, como todos os outros atos humanos, implica escolha e, por isso, está assentado numa opção axiológica. É uma "atividade-meio", que subsidia o ser humano no encaminhamento de suas ações e na obtenção de resultados desejados, e, portanto, orientada por um fim. O ato de planejar se assenta em opções filosófico-políticas; são elas que estabelecem os fins de uma determinada ação. E esses fins podem ocupar um lugar tanto no nível macro como no nível micro da sociedade.

A capacidade de planejamento educacional da parte do professor vem sendo considerada uma das técnicas mais eficientes para o trabalho docente. Ao planejar, o professor vai criar tópicos, divisões, numerações, recursos, cronogramas, ou seja, vai criar e utilizar o seu próprio roteiro facilitando o trabalho profissional. É planejando que o professor vai programar suas atividades de intervenção pedagógica no âmbito escolar.

O profissional do ensino é alguém que deve habitar e construir seu próprio espaço pedagógico de trabalho de acordo com limitações complexas que só ele pode assumir e resolver de maneira cotidiana, apoiando necessariamente em visão de mundo, de homem e de sociedade (TARDIFF, 2002, p. 149).

Assim, o professor, por sua vez, tem por obrigação respeitar seus limites e construir seu próprio espaço pedagógico, fazendo com que, de maneira significativa, se possa tirar proveito positivo do processo de ensino-aprendizagem, onde o professor estará seguindo seu próprio contexto de trabalho, melhorando significativamente a aprendizagem do aluno que depende do professor para construir a sua aprendizagem individual.

Diante disso, quando se voltam os olhares para a segunda fase do ensino fundamental e ao foco principal – o ensino médio, a tarefa docente divide-se em “disciplinas por professor”. É nesse contexto que se observa, individualmente, o papel do professor de Língua Portuguesa e Literatura no ensino médio como profissional capaz de planejar e desenvolver suas atividades pedagógicas no que diz respeito a um ensino que, de certa forma, está atingindo uma precariedade preocupante. É papel do professor de Língua Portuguesa e Literatura que irá abranger, em sala de aula, conteúdos acerca da gramática normativa, da produção textual e da literatura.

Tendo em vista as exigências partidas do apoio pedagógico das escolas, é viável ressaltar que o ensino de literatura em língua portuguesa tem sido deixado de lado, ou seja, o professor é mais cobrado nas partes citadas anteriormente (gramática normativa e produção de textos), e, como se sabe, o currículo escolar da língua portuguesa exige algumas horas aula para o trabalho com literatura, o que cabe ao professor esquematizar a dedicação que terá nesse período.

Ao ser determinada a atuação na área supracitada, o professor deve ter em mente que irá proporcionar ao aluno experiências utilizando a língua escrita, como também, desenvolver suas habilidades discursivas.

[...] quanto mais à escola se aproxima das práticas sociais em outras instituições, mais o aluno poderá trazer conhecimentos relevantes das práticas que já conhece, e mais fáceis serão as adequações, adaptações e transferências que ele virá a fazer para outras situações da vida real (KLEIMAN *apud* MENDONÇA & BUNZEN, 2006, p. 17).

As práticas sociais citadas nada mais são do que as práticas de letramento crítico. Sendo os letramentos as capacidades e habilidades de língua escrita (KLEIMAN, 1995), o letramento crítico vai além, adaptando essas habilidades ao meio sociocultural em que o aluno se insere. Nesse sentido, Kleiman visa, sobretudo, destacar que o papel do professor deve contar com a presença constante de todos os que fazem a escola para que se constitua a troca de conhecimentos, sabendo que o aluno deve estar ciente do que está estudando e sendo cobrado para que traga suas experiências sociais para dentro do âmbito escolar, fazendo com que o trabalho do professor seja de fato satisfatório.

Cabe ao professor de Língua Portuguesa uma das tarefas mais impulsivas existentes no currículo escolar, pois, tendo o dever de abordar conteúdos gramaticais, de produção textual, como também, de Literatura, em uma carga horária que, apesar de ser a mais extensa, ainda se torna pequena, o professor ver-se em um difícil papel para planejar e realizar uma separação adequada para o trabalho em sala de aula. Os conteúdos a serem abordados possuem um nível elevado de complexidade. Assim, Wittke (2012, p. 581) afirma que os documentos norteadores elegem o texto como principal objeto de ensino.

Considerando a complexidade de gêneros textuais que circulam em nossa sociedade contemporânea e a importância que tal materialidade discursiva exerce no processo de interação verbal, é possível entender a ênfase que os PCNs voltados ao ensino de língua materna atribuem a seu ensino no meio escolar. O referido documento elege o texto como objeto de ensino e sugere a prática de escuta, análise de elementos linguísticos, leitura e produção de textos dos diferentes gêneros que o aluno precisa dominar para que possa exercer sua efetiva participação social, pertencendo eles aos mais variados campos discursivos tais como: literários, publicitários, jornalísticos, didáticos, científicos, tanto na modalidade da fala como da escrita (WITTKÉ, 2012, p. 581).

Observa-se, então, um distanciamento do ensino de literatura para com o ensino de língua portuguesa, onde o texto literário é citado apenas uma vez como um dos variados campos discursivos. Ora que gênero textual e gênero literário não são sinônimos, o campo textual em geral vem tendo uma demasiada expansão, dificultando o trabalho docente. Dessa forma, o professor vai utilizar o texto literário em uma perspectiva presente constantemente no material didático distribuído pelo governo federal, onde o texto literário transforma-se em um texto didático, servindo como objeto para a interpretação de textos em gramática. No entanto, isso pode ocorrer, porém, quando se relaciona o desenvolvimento das potencialidades expressivas e de produção criativa propostas pela literatura.

O texto literário pode ser utilizado no ensino de língua materna ou da gramática; contudo, mesmo nessas circunstâncias, ele se relaciona, antes de tudo, a atividades que, para se mostrarem coerentes com a denominação das disciplinas que as abriga, têm em vista o desenvolvimento das potencialidades expressivas e produção criativa dos estudantes (ZILBERMAN, 1988, p. 125).

Portanto, o texto literário não pode se desprender da verdadeira finalidade, na qual a literatura se situa. A literatura, além de suas contribuições para o ensino, possui contribuições humanísticas imprescindíveis, ou seja, além de “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”, utiliza essa compreensão para as relações de caráter humanístico dos indivíduos. Oliveira complementa lembrando, que Zilberman assinala que:

Se por um lado, o ensino do 2º grau passa a atender às exigências daqueles que precisavam de uma formação técnica, perdendo seu caráter “elitista” e abrindo mão assim de sua “orientação humanística” originária, por outro lado, esse ensino não deixa de atender aos alunos do nível intermediário que dele necessitavam para a entrada na universidade (2008, p. 31).

Tomando como base o que foi apresentado, destacam-se algumas tantas responsabilidades do professor de língua portuguesa no ensino médio (antigo 2º grau), uma vez que o ensino é regido pela preparação para direta ou indireta entrada no mercado de trabalho. Em outras palavras, boa parte dos alunos saem do ensino médio diretamente para o mercado de trabalho, já outros ingressam no ensino superior em busca de novas habilidades técnicas intelectuais e trabalhistas.

Para o ingresso no ensino superior, a exigência se torna ainda maior diante da questão de que o conhecimento em literatura é cobrado em alta escala nos exames de seleção. Diante dessa questão, quando os resultados obtidos não são satisfatórios, o principal alvo das críticas sociais é, justamente, o professor que não planejou e, como também, não realizou uma divisão da carga horária de Literatura em Língua Portuguesa.

Quando nos Parâmetros Curriculares Nacionais o ensino de Literatura ocupa um pequeno espaço, tanto para o ensino fundamental como para o ensino médio, os vestibulares realizados pelas universidades públicas e privadas do Brasil, fazem a separação, até então não feita nos parâmetros, o que na maioria das vezes ocasiona em resultados lastimáveis nessa categoria. Já no que dimensiona o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, a Língua Portuguesa, a Literatura, a Língua Estrangeira Moderna (Inglês ou Espanhol), bem como a educação física, vêm em uma só categoria: “Linguagens, Códigos e suas tecnologias”.

Como se trata de um exame que avalia o ensino médio como um todo, onde, dependendo do desempenho, ocasiona no ingresso no ensino superior, a exigência não parte do princípio da série final, mas sim, de todo o ensino médio. Nessa perspectiva, avalia desde o aluno que se submete a prova, passando pela escola de ensino médio, o município em que a escola está situada e a unidade federativa em que se insere.

Percebe-se que os resultados do ENEM implicam em índices correspondentes a diversas hierarquias até chegar ao aluno, por esse motivo, deve-se haver uma conscientização na hierarquia maior – o país, para que as menores, como o estado, o município, e a escola, siga o mesmo ritmo, conscientes de que o ensino de literatura é imprescindível, indispensável e muito importante, constatando que sem o investimento necessário no agente de formação no que tange o ensino-aprendizagem, não será possível reverter uma situação que há anos pede socorro, principalmente no contexto de escolas públicas, para que, então, a modificação aconteça desde o início do ensino básico, chegando ao fim de maneira satisfatória.

Diante das reflexões aqui apresentadas, finaliza-se esse tópico entendendo que ensinar literatura jamais poderá ser uma prática abolida da escola e, principalmente, desligada do ensino de língua materna, o qual que se emancipou por grandes influências dela. Nesse contexto, fica visível que o ensino de literatura possui um ápice abrangente que faz parte da democracia que deve existir quando tratamos de ensinar a língua materna na educação brasileira.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Situada numa perspectiva qualitativa, tendo, assim, base interpretativista, a presente pesquisa tem como materiais de análise 2 (duas) narrativas autobiográficas escritas por professoras de língua portuguesa atuantes em escolas públicas municipais no interior de Alagoas, em forma de entrevista escrita semi-estruturada (OLIVEIRA, 2010).

Apresenta-se, na discussão e análise de dados, alguns trechos das narrativas coletadas, seguidas pelas análises interpretativista, concretizando um diálogo entre as vozes dos sujeitos participantes da pesquisa com as de alguns teóricos da perspectiva já refletida no tópico anterior. A primeira colaboradora, Kris, é licenciada em Letras: Português/Inglês e especialista em Língua Portuguesa. Atua na rede pública há alguns anos trabalhando com as séries finais do ensino fundamental com os componentes: língua portuguesa, redação e língua inglesa. A segunda colaboradora, Célia, é licenciada em Letras: Português e especialista em literatura brasileira. Atua na rede pública há pouco tempo e ministra aulas de literatura e redação no ensino médio, principalmente nos segundos e terceiros anos, onde a prática da produção textual é mais constante.

### **4 ANÁLISE DE DADOS**

As implicações da literatura para o ensino de língua portuguesa são diversas. Na contemporaneidade, é impossível duvidar disso. Porém, o estudo do texto literário nem sempre vem seguindo as suas verdadeiras finalidades no que tange o ensino básico. Esse fato se dá pela baixa presença do estudo literário nos documentos oficiais e, por consequência, nos livros didáticos, como já foi discutido no primeiro tópico deste trabalho.

É na literatura que o professor coleta os mais diversos textos enquadrados nos gêneros literários, mas, é esse fator que merece um maior destaque, o trabalho com os textos literários está voltado a uma “pedagogização da literatura” (LARROSA, 2003), isto é, a literatura se transforma em objeto de estudo para a gramática.

Na medida em que as leituras são impostas, objetivando o cumprimento de tarefas puramente escolarizadas, o ato de ler passa a ser compreendido pelos alunos como

uma obrigação e as escolhas pessoais dos leitores não são privilegiadas (SILVA, 2006, p. 516).

Assim, o real sentido do texto literário se perde, pois a verdadeira finalidade do estudo gramatical é puramente estrutural, a divisão de orações e as respectivas análises. Isso desestrutura a finalidade do texto de contribuir para a formação de novos leitores, o que se deve existir é a conscientização das principais origens e características do estudo literário.

Silva (2006, p. 514) ressalta que a literatura vem de uma origem interdisciplinar.

A própria natureza interdisciplinar do ato de ler que envolve contribuições de diversas áreas. No caso da leitura literária, o ato de ler é influenciado por estratégias cognitivas, linguísticas, metalinguísticas, conhecimento do policódigo literário, noção de gênero literário, estilo de época no qual o texto está inserido, enfim, um conjunto de noções determinantes na interação do leitor com o texto;

Ao ler o texto literário, o aluno está propício a conhecer os movimentos sociais ocorridos em determinadas épocas, as manifestações culturais, as (trans) formações dos povos nas diversas províncias e etc. Dessa maneira, a literatura adentra no ensino de língua materna com um amontoado de raízes socioculturais que só tendem a contribuir para a formação do aluno leitor.

Atualmente, retomando o que já foi abordado, a maior efetividade do ensino de literatura vem sendo no ensino médio, aonde, na maioria dos casos, o encontro do aluno com a literatura chega a ser impactante, uma vez que leitura, compreensão e interpretação de textos literários são critérios de grande importância para a submissão em possibilidades de ingresso no ensino superior, como vestibulares e exames nacionais (ENEM).

Para Kris:

Nas últimas décadas, os profissionais que atuam com a disciplina tem se voltado com maior empenho para este propósito e a literatura está sendo incluída nas aulas de língua portuguesa de forma significativa e já é possível perceber as mudanças acontecendo em relação ao avanço na utilização correta da língua materna (KRIS, L. 48-55).

A colaboradora faz alusão, quando descreve o propósito do ensino de língua materna que vem se inovando com o auxílio da literatura que se torna um dos melhores meios para

levar a cultura para a sala de aula, visto que o ensino da língua materna não deve ser apenas estrutural, mas, também, cultural, político, histórico e social.

Kleiman (1996, p. 24) afirma que "é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto". O professor, então, precisa discutir e abrir novos horizontes para os leitores iniciantes, pois nem sempre fica claro, numa simples leitura, as reais relações de sentido que emergem o texto literário.

De acordo com Lopes (1994, p. 368): "ensinar literatura não pode deixar de ter em conta esta dupla dimensão dos textos literários pela qual, ao mesmo tempo que fazem parte da cultura, e por conseguinte do campo da opinião ou das significações consensuais, são sobretudo o abalar destas". Com base nessa constatação, não se pode definir o ensino de literatura como algo sólido, responsável por elencar um conjunto de autores, dividi-los em suas respectivas escolas e trabalhá-los de um por um, apresentando as suas principais contribuições para a literatura.

O principal objetivo de se ensinar a literatura é a possibilidade de discutir história, geografia, sociedade e cultura num só componente, dando ênfase, principalmente, ao modo com que essa literatura contribuiu para o surgimento da língua, da história e da cultura miscigenada no país. Na narrativa de Célia encontra-se uma concepção de literatura mais voltada a real finalidade.

Sobre o ensino de literatura entra em cena uma questão que sempre tive opinião formada por já ter ensinado exclusivamente a disciplina. Hoje, no ensino fundamental não é cobrado o ensino de literatura, mas compreendo que os alunos devem ter esse contato para que o ensino médio apenas dê continuidade (CÉLIA, L. 36-42).

Célia demonstra uma experiência que contribuiu em grande escala para a construção da sua identidade docente. Pelo que a colaboradora apresenta, a literatura fez o seu papel na formação de Célia como professora e de seus alunos. Martins (2006, p. 85) acredita que a escola deve ampliar o seu acervo de atividades e empregue a literatura em atividades lúdicas que possibilitem a compreensão e reconstrução de sentidos por meio de experiências que nem sempre precisam ocorrer em sala de aula.

Há de se mudar, antes de tudo, a atitude diante da literatura. E um caminho possível para essa mudança está em dar continuidade ao trabalho com o texto literário, possivelmente iniciado no nível fundamental, trabalhando com obras cujas situações representadas e a linguagem estejam mais próximas das experiências dos jovens leitores [...] Neste sentido propõe-se uma inversão no modo como se apresentam os conteúdos do ensino médio (PARAÍBA, 2007, p. 83).

Nos referenciais curriculares para o ensino de língua portuguesa do estado da Paraíba, observa-se que os autores defendem uma concepção estritamente voltada a perspectiva do letramento literário. Nessa linha de pensamento, visto que os Novos Estudos dos Letramentos defendem que a aprendizagem e a apropriação das competências dos alunos devem partir de práticas sociais, percebe-se que ao utilizar a literatura local para o trabalho no ensino médio, o professor estará possibilitando ao aluno uma grande parcela de conhecimento de mundo. De acordo com Pinheiro (2006, p. 118),

[...] o professor de literatura deveria estar sempre às voltas com a crítica, tendo em vista que ela poderá, aceita na perspectiva acima referida, ajudá-lo na descoberta de novos sentidos para as obras literárias. E se a crítica a que o professor teve acesso tiver uma complexidade conceitual não adequada a seu aluno, sua função será de tradutor desta leitura.

Ao assumir um papel crítico, o professor poderá observar a maneira com que o aluno começa a ser instigado à leitura literária, é quando o texto vira uma necessidade na vida do leitor. O aluno, nesse sentido, deve desenvolver competências como a interpretação de textos literários através do conhecimento cultural apresentado pelo professor sobre a definição das escolas literárias em que alguns dos textos pertencem e etc. Célia ainda lembra que “É importante que o aluno conheça a literatura, pois com ela é possível entender melhor a vida humana e social” (CÉLIA, L. 42-44).

Diante do que foi apresentado, é perceptível destacar que a identidade de Kris sobre o ensino de literatura ainda está centrada numa perspectiva voltada a aquisição da norma padrão da língua, ou seja, não está situada num padrão estático voltado às finalidades da literatura para a formação humana. Já Célia, por já ter tido a experiência de ensinar literatura, mostra-se segura para abordar o tema e apresenta um olhar mais apurado no que tange as contribuições da literatura para a formação dos alunos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Linguagens & Cidadania, v. 19, jan./dez., 2017.*

Viabilizados os objetivos do presente estudo, as principais conclusões que levam a reconhecer a importância da realização dessa pesquisa giram em torno de algumas questões importantes que serão mencionadas nesse espaço.

As discussões sobre o ensino de literatura em língua materna levaram à constatação que esse tipo de abordagem vem sendo enquadrada nos conteúdos relacionados ao ensino de língua materna a curtos passos, ou seja, com base na análise percebemos que apenas uma das informantes apresenta uma conceituação apurada acerca do ensino da literatura que tanto contribui para a criação das culturas em todas as nações, principalmente no Brasil.

Além dessas questões, também é vista a relevância em que utilizar as narrativas autobiográficas como material de análise, por possibilitar ao pesquisador uma coleta de dados bastante significativa, fazendo com que o estudo seja norteado por dados mais fiáveis e aptos a importantes diálogos no contexto científico.

Por fim, espera-se que este estudo estimule a produção científica no campo do ensino de literatura como forma de reflexão sobre as práticas pedagógicas de professores em serviço e em formação pré-serviço, bem como a socialização de experiências didáticas com a literatura em sala de aula.

## 7 REFERÊNCIAS

AMARAL, E et al. **Novas Palavras**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.

CEREJA, W. R. **Ensino de Literatura**: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.

COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

FREIRE, J. A. T. Os saberes da literatura e a formação do leitor. **EntreLetras (Online)**, v. 1, p. 191-208, 2010.

LARROSA, J. Sobre a lição. In: LARROSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 139-146.

LOPES, S. **A legitimação em Literatura**. Lisboa: Cosmos, 1994.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1994.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A (Org). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

\_\_\_\_. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1996.

MARTINS, I. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: BUZEN, C; MENDONÇA, M (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 83-102.

\_\_\_\_; BUNZEN, C. Sobre o ensino de língua materna no ensino médio e a formação de professores: introdução dialogada. In: MENDONÇA, M; BUNZEN, C (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OLIVEIRA, A. A. Observação e entrevista em pesquisa qualitativa. **Revista FACEVV**, Vila Velha, n. 4, jan./jun. 2010, p. 22-27.

PARAÍBA. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. João Pessoa: Secretaria do Estado e Cultura/ Coordenadoria do Ensino Médio, 2007.

PINHEIRO, J. H. Teoria da Literatura, Crítica Literária e Ensino. In: PINHEIRO, H; NÓBREGA, M. (Orgs). **Literatura: da crítica à sala de aula**. Campina Grande, PB: Bagagem, 2006. p. 111- 126.

ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. In: DALVI, M. A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS, R. (org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 17-33.

SANT'ANNA, A. R. **Paródia, Paráfrase e Cia**. São Paulo: Ática, 2001.

SILVA, I. M. M. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. In: **Anais do Evento PG Letras 30 Anos**, v. I, 2006, p. 514-527.

SILVA, L. H. O; MAGALHÃES, H. G. D. Do reino da beleza à república do gosto: questões para o letramento literário. In: RAMOS, D. V.; ANDRADE, K. S; PINHO, M. J (orgs.). **Ensino de Língua e literatura: reflexões e perspectivas interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p. 81-92.

TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários**. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2002.

WITTKE, C. I. Perfil contemporâneo do professor de língua: um pesquisador. **Travessias (UNIOESTE. Online)**, v. 6, 2012, p. 572-588.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

\_\_\_\_\_. Recepção e leitura no horizonte da literatura. **Alea [online]**, v.10, n.1, 2008, p. 85-97.

